

# A MONARCHIA

Bi-Semanario

N.º 7—1916

15 de Fevereiro

DIRECTOR E EDITOR:

ASTRIGILDO CHAVES

COMPOSTO E IMPRESSO EM

A POLYCOMMERCIAL

R. d'Alcantara, 41-A a E—LISBOA

*Propriedade de Armando Monteiro*

Toda a correspondência para  
os escriptorios provisórios

R. d'Alcantara, 41, 1.º E.

TELEPHONE 3362

**Preço de assignatura:** Serie de 25 numeros 500 réis para o continente, ilhas e ultramar. Extrangeiro o mesmo preço ao cambio do dia. Accrescem as despesas de cobrança. **Avulso 20 réis.** **Anuncios:** Conventional, sendo permanente, não sendo 30 réis a linha, corpo 6, página dividida em 6 columnas.

## REMEMBER



Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, no momento em que o tragico assassinato de Seu Pae e Seu Irmão, o elevou ao trono de Portugal

# Fome, Peste e Guerra!

A leitura do plano revolucionario apprehendido que a policia forneceu a imprensa, decerto por ordem do governo, só nos aviva mais a convicção de que é o proprio governo o maior responsavel dos ultimos acontecimentos. Com a sua publicação, julga elle furtar-se ás graves responsabilidades, afirmando sobre os presos todo o odio e a repulsa da nação, mas enganase-se.

Nós, já aqui n'este mesmo lugar censurámos os cannibalescos actos de que esse movimento se revestiu. Partidarios da ordem, e por isso mesmo paladinos convictos da Realza, nós não podíamos approvar taes *bagarres*, ó que seria o mesmo que formal abdicção dos nossos sagrados principios; e não deixando ainda de os censurar, agora, apoz a leitura do seu plano revolucionario, — se aquillo se póde chamar um plano! — uma ponta de piedade, uma sentida comiserção, para todas essas almas indignadas e rebelladas vae.

Se o governo nos quer fazer crer que tem seguros nas masmorras impiedosos e terriveis anarchistas, ou, melhor ainda, os elementos de desordem em perpetua rebelião contra a sua politica nefasta e despolica, engana-se redondamente, porque enquanto esse infernal e feroz lobo serrano que é o soba Affonso Costa estiver encrocado nas cadeiras do poder, não haverá paz em Portugal. O germen da desordem é elle proprio; são os seus proprios actos que geram a rebelião. O paiz odeia-o de morte; não ha alma bem formada, não ha portuguez amante da sua patria que o não repulse indignado; a sua presença no governo é um ultrage á nação inteira.

Estranhava, ha dias, um dos lacaios, no *Mundo*, que só quando o patrão está no poder, se dão taes actos de rebelião. Estranha o que é bem natural! Desapparecia a causa, desaparecia o effeito. Morta a vitoria, morta a peçonha.

Dissemos: o maior responsavel dos ultimos acontecimentos é o governo. O seu vero auctor é o anarchisante e barbaro perturbador social que se chama Affonso... Costa.

A fome alastra assustadoramente pelo paiz. Em Lisboa não se póde viver. Os generos de primeira necessidade escaceiam no mercado e, os poucos que apparecem, attingem tão fabulosos preços que as classes trabalhadoras, mesmo até os remediados — quanto mais os pobres! — mal lhe podem chegar. Ha dias e dias em que não ha carne, nem peixe... e em que até a miordia a que chamam pão não se encontra nas padarias! O governo promette leis, diz que vae abastecer a cidade, proteger as classes pobres... e não passa de lérias parlamentares que o povo entrolha com riso amargo. Essas promessas veem de ha mezes e o povo já não vive de promessas. Desculpa-se com a guerra... e a guerra ainda não chegou á nossa porta, e o povo quer pão e não quer guerra. E é justamente quando lá n'essa região a que chamam governo, se pensa levar a cabo a loucura das expedições militares, d'esta e d'outras vezes, que se renovam as promessas e fingem elaborar leis de subsistencias que se transformam em decretos de mais terrivel e negra fome!

Quando é que na Monarchia, ainda mesmo na sua ultima phase de decomposição,

se viu situação igual a esta? Paroco que o unico filo dos homens tenebrosos que hoje governam o paiz é perdê-lo, exclusivamente, começando por matar á fome os seus habitantes e acabando por enviar os que sobreviverem para os acougues germanicos! Quem não vê isto? Quem não tira, de toda a ultima serie dos fastos governativos, a conclusão d'esta execranda obra archi-sinistra e archi-preversa?

Fome, peste e guerra! — eis o lema gravado no estandarte immundo do partido democratico. Eis o paraíso encantado, apoz 5 annos de republica, em que se transformaram as deslumbrantes promessas apregoadas nos comicios pelos idolos! Fome, peste e guerra! — eis a lei de protecção que o governo do teu amigo Affonso te offerece, ó povo! Fome, peste e guerra...

O que esta impiedosa sentença de destruição e de morte faz evocar á nossa memoria! Pobre Antonio José de Almeida! Como até o mau fado que preside aos vossos destinos e aos da republica, para irrisão e para castigo te anda a querer jungir na Historia á mesma gargalheira do teu emulo Affonso de Ligório! Fome, peste e guerra... Pois não foste tu, ó romantico caudillo de outras eras, quando nós, monarchicos, com aquella pequena hoste de patriotas, commandada pelo leal e intrepido Couceiro, para interesse e resgate de Portugal, destrallavamos a bandeira da Restauração, não foste tu que, para aquelle pequenino exercito, grande pelo civismo, pela abnegação e pelo sacrificio e que traduzia, alli, batendo-se com tanta nobreza e tanta fé, a maior aspiração nacional, — a causa do Rei e do povo, o proprio povo — indicaste aos sicaritos do governo, aos bandoleiros da formiga branca, á guarda pretoriana do Tsur Affonso a melhor maneira de morte e de exterminio?!

— *Se pedirem pão, deem-lhes balas...*

Ahi está agora o povo a pedir pão; e o governo, em vez d'elle a dar-lhe balas. Trata-se apenas de fornecimento de material de guerra, os arsenaes trabalhãam noite e dia; nos celeiros não ha trigo, nos casebres dos operarios não ha pão! Não ha pão nas vossas humildes casas, ó pobres trabalhadores, morreis á mingua, a fome cadaverosa foi acollar-se nos vossos lares. O governo trahiu a vossa causa, abandonou-vos descaroavelmente; mas serve meia duzia de açambarcadores, — que esses tilintam ouro seductor e embriagante... Não ha pão, nem legumes, nem carnes, nem cereaes para o povo portuguez, mas ha-os para os estrangeiros para aonde seguem fotalmente e hão de continuar a seguir milhares e milhares de toneladas em navios e comboios espeziaes!

Fome, peste e guerra — ahi tens a tua paradisiaca republica, povo!

## Porque será?

Como já vimos creatura, que recebe amabilidades da presidência é creatura na cadeia dentro em pouco...

Ora ha dias jantaram com o sr. presidente o sr. Leotte do Rego e o sr. Manuel Guimarães, director da capital.

Era melhor ir mandando arranjar aposentos no Palacio do Conde Andeiro para tão elevados *visitantes*...

# Organização Monarchica

## Um inquerito

Meu caro Astrigildo:

Já lá tem os meus cumprimentos «A Monarchia» e feitos muito particular e affeitosamente. Oxalá que tenha tantas venturas como as que, de direito, pertencem aos seus muitos merecimentos, cada vez mais melhorados. E... com esta justa venia de amigo certo, prepare-se para a massada:

Tenho-me absto de trazer a publico as minhas razões e pensar sobre politica porque, quando vim para a lucta — e olhe que não foi muito tarde... — já conhecia a refinada deslealdade do inimigo, que é maior d'estallida Patria. Eu quero uma só organização que é a organização revolucionaria. Tal gente já não vae a tiro de fâcos, só vae a tiro de balas. E olhe... que já n'isto, não sou muito discreto... mas como não pensam todos como eu, sejãmos, n'estas treguas, um pouco, o indiscreto exemplo da maioria, embora do que vou tratar não tenha nada com o caso.

A minha consciencia, pois comprehendendo, felizmente, o dever, aconselha-me a não me render ao seu desafio sobre organização, inserto no ultimo numero d'«A Monarchia» que o vejo revestido das melhores intenções.

Ponhãmos de parte a organização politica. Não seré eu que lhe toque que não seja por obediencia, ou disciplina, e para lhe dizer que sou, de todo contra ella, porque já não são precisas a propaganda e os erentes monarchicos para fazer monarchico este Paiz onde, d'antes, não havia convicção. Isso foi obra que temos a agradecer á republica, cotada, que é o unico favor que lhe devemos — e já não é pouco... e porque não será nos Centros que o Astrigildo Chaves e este seu amigo e mais correligionarios nos faremos, *aprendendo a recruta*, os soldados que hão-de restabelecer a regenerada Monarchia, salvo se, em cada centro, se estabelecer uma escola de tiro. Mas... n'este caso, não seria grande o numero de socios... Centros monarchicos dizem que ha um, em Lisboa, que, outro dia, na melhor das intenções, e sem querer, o nosso querido «Dia» *sobresaltou* fazendo-o lembrado. E este Centro, onde ha de tudo que não faz mal a ninguém, mesmo funcionarios da republica (agora chamem-lhe delação e traidora a esta... sim?) o que eu ignorava quando da sua constituição para o que não *melli o bico* que não fosse para apoiar, de fóra... a escolha do dito, não devemos interronpell-o na sua patriótica acção de absoluta paz que é a que tem exercido desde o ridiculo 11 de maio: — Esperar mais uns politicos invernos *acachapado* como os lagartos, pelo sol de Pimenta de Castro para se assallar. Deixem-no dormir, pois, seccadamente que, quando restabelecermos a nossa Monarchia ou coisa que se lhe aproxime, podemos contar com elle para as festas e cerimoniaes.

Mas... como disse, deixemos este assumpto a resolver, lá, aos nossos conselheiros e vamos ao fim d'esta minha carta, que já vae longa, e que é do organização para os pobres, para os que necessitam, para os sacrificados empobrecidos por uma sagra-

da dedicação pela causa da Patria que é a nossa.

O meu alvitre vai na inclusa carta que desisti de publicar, á sua data, por circunstancias sem importancia e que não é preciso trazer á collação.

Lisboa, 7 de fevereiro de 1916.

Alfredo Ferreira.

*Nota da Reducção:* O resto da carta tratando de assumptos diversos da organisação monarchica, mal cabido ficaria aqui.

## População de Portugal

A população da metropole portugueza tem, desde que ha estatisticas, um crescendo animador, como vai ver-se:

Em 1864, a população total eram 4.188.410 individuos; em 1878, 4.550.999 individuos; em 1890, 5.049.729 individuos; em 1900, eram 5.423.132 individuos, e em 1911, eram 5.960.056 individuos.

Hoive pois entre 1864 e 1911, ou seja n'um periodo de 47 annos, um augmento de população de 1.771.646 individuos, ou seja ainda um augmento medio annual por 1.000 habitantes de 8,8.

O districto do continente onde esse augmento foi maior, exceptuando Lisboa e Porto, foi o de Santarem onde foi de 13,7 por 100, e onde foi menor foi no de Villa Real em que foi só de 3,2 por 100.

No proximo numero falaremos de Lisboa e Porto.

## “O ESPECTRO,”

Finda com este numero o credito dos senhores assignantes de O ESPECTRO. Vamos proceder á cobrança dos assignantes (em debito d'aquella publicação incluindo e claro no complemento d'esse debito os 3 numeros sahidos d'este jornal).

A quem não deſeja continuar a honrar-nos assignando este jornal pedimos o favor de nos avisar.

## Senhores officiaes da Armada!

Depois da publicação do requerimento em que o sr. Jayme Daniel Leotte do Rego, capitão de fragata, pede a sua demissão de commandante interino do cruzador *Vasco da Gama*, no qual ha insinuações malévolas e tremendas accusações que ferem não só os visados mas até o brio de toda a corporação, — nós ficamos á espera da desatronta.

Diz o sr. Leotte:

“Considerando ainda que os officiaes que tomaram parte na revolução de 5 de outubro, além dos premios concedidos pelo parlamento, que de resto elles proprios votaram, tem até hoje alcançado as melhores situações na Armada, rendosas e de importancia, mantendo-se n'ellas sem nenhuma consideração nem pela lei nem pelos seus camaradas.”

E' verdade: nos cá ficamos á espera da desatronta. O espirão do 14 de maio arremete tambem contra os seus collegas da Armada. Não lhe basta o Kaiser, nem os barcos indefezoes, para as tras furibundas d'este *adamastor de Porto Brandão*.

Mas esperemos pela desatronta:—tem a palavra os officiaes da armada!

## Como elles começaram!

Antonio Macieira—Alexandre Braga  
Insultos—Vaías—Expulsões

III

Pelo nosso artigo anterior viu-se que antes de entrarem na vida publica como advogados ou politicos os dois grandes sustentáculos da republica, as duas pernas do tripé affonsista, já traziam larga e bella nota na caderneta moral.

**Um expulso do gru republicano p' r traidor, o outro expulso da tua por indigno.**

Vamos agora a ouvir o sr. Antonio Macieira no folheto *A Alma Penada*, fallando do seu ex-amigo d'então e novo amigo d'agora, Alexandre Braga:

«Executei um homem que tinha a alma curtida em lama e o corpo curtido em vinho. Entrava nas tabernas de consciencia pesada e estomago leve, e sahia de estomago pesado e consciencia leve, porque sahia inconsciente. Tinha man vinho; insultava e calumniava. Cada arrôto um insulto, cada vomito uma calumnia.

Executei-o, e morreu impenitente.

E agora, á hora tragica da meia noite, surge da campá, cambaleante, cabelo asqueroso, escorrendo suor, empastado sobre o rosto amarello de padecente, os dentes sujos do contacto com a lingua viperina, rangendo coleras inúteis, raivas impotentés.

Alma penada, alma do outro mundo.

Dir-se-hia que resuscitou quando, apenas, anda cumprindo a penitencia de tanta infamia praticada, de tanta mentira cuspada, de tanta calumnia forjada.

Alma penada, alma do outro mundo.»

Que lhes parece?!

Não ha duvida que o sr. Antonio Macieira conhecia bem o seu correligionario e amigo...

E porque sabia o sr. Macieira que Alexandre Braga tinha mau vinho?

Porque, diz a razão, o acompanhava n'essas bebedeiras, ergo o sr. Macieira...

Seria, como o sr. Macieira allegava, filha do vinho do sr. Braga a reunião do grupo republicano?

Não, diz o sr. Carlos Fuzzeta na carta que segue:

«Em resposta á carta, que v. ex.<sup>a</sup> me dirigiu hoje, tenho a declarar o seguinte:

1.º—Era natural certa exaltação do grupo republicano, n'essa assembleia que serviu de tribunal de julgamento, visto que haviam sido de observação publica os factos que serviam de base á accusação contra v. ex.<sup>a</sup>. Mas essa exaltação não prejudicou, nos julgadores, a serenidade d'animo que a lealdade impunha; discutiu-se detalhadamente prova por prova; conceleu-se á defeza toda a liberdade da critica.

D'est'arte, o julgamento decorreu leal e correcto, e o veridictum foi uma decisão lucida e consciente.

2.º—Pelo que me toca directamente, confesso que escolhi apenas uma forma

menos rude para o meu voto, apesar de reconhecer que v. ex.<sup>a</sup> tinha praticado um acto de traição politica. Ficou saliente, d'esse modo, senão o excessivo escrupulo, pelo menos uma grande serenidade do meu espirito.

Appellei para a declaração de voto. Essa declaração precedia d'uns considerandos sobre a independencia pessoal de cada membro do grupo perante uma deliberação da maioria que lhe pareça errada ou prejudicial sob o ponto de vista partidario e ainda sobre as restricções impostas pelo dever de solidariedade politica, é no seu pensamento fundamental o seguinte:

“Visto que o sr. Antonio Macieira contrariou, na ultima assembleia geral da Academia a deliberação do grupo republicano, servindo, com o seu procedimento, os interesses do grupo adversario, eu voto a sua expulsão.”

Não podendo por motivos que v. facilmente comprehende, relatar todas as minudencias do julgamento, procurei aproveitar-me d'elementos que, deferindo a minha situação n'este caso, satisfizessem ás perguntas de v.

De v. muito attento

Coimbra, 10-3-98.

Carlos Fuzzeta.\*

*O veridictum foi uma decisão lucida e consciente*, diz o sr. Fuzzeta, e diz ainda que reconhece ter o sr. Macieira cometido um acto de traição politica...

Logo o sr. Macieira é um traidor politico e um mau caracter, porque sabendo o sr. Braga um ébrio de mau vinho, foi seu amigo e largamente com elle conviveu...

Agora um boccalo alegre para desopilar a figadeira de tanta baixesa...

Diz o sr. Macieira do sr. Braga:

“Quer ensinar-me taboada e, fallando da minha irrisoria expulsão do Grupo Republicano, atra-me com esta coxa rajada de rethorica:—“Ou aquelles rapazes que julgou sempre superiores deixam de o ser agora porque lhe estamparam na deslavada face, em justa paga da sua vil acção, estas seis letras eternas e implacaveis de traidor...”

Traidor com seis letras e ensina-me taboada...

Pobre craneo de sillex!.

Traidor com seis letras... era vinho com certeza!...

(Continua).

Rocha Martins

D. MANUEL II

Sahiu hoje o VII fasciculo

A CARBONARIA. — Um bibliocario melancolico - Historias do velho tempo — Luz d'Almada e Ferreira Manso — A Carbonaria Lusitana — Canteiros, chopas e barracas — A Alta Vendita — Machado Santos — O encanto do mysterio — O enchebento Antonio Maria da Silva — Os republicanos contra a Carbonaria — A Carbonaria no exercito — Como se propagou a instituição — Americo d'Oliveira e a sua capa d'aventuras — José Carlos da Maia — A sombra melodramatica d'uma gravata negra.

O fasciculo a seguir intitula-se a Rainha Maria Pia.

Pedidos á Typographia José Bastos

R. d'Alegria, 100 — LISBOA

# O esporão do 14 de maio

O porto de Lisboa, mar tenebroso. — Os exercicios bellicos do sr. Leotte do Rego. — O terror dos buques e dos palhabotes. — Almirante incompetente, illegal e inoffensivo

O extracto officioso do discurso pronunciado na camara pelo sr. Eduardo de Sousa, acerca do commando illegal que o sr. Leotte do Rego vem exercendo, pois que lhe não pertence, e ainda sobre a sua incompetencia tecnica de official da armada, merece ser meditado, está constituindo um permanente perigo para a disciplina da corporação e até para a propria nacionalidade, bem como eterna ameaça á navegação do porto.

Diz-se que o governo vive tão intimidado com as suas fanfarronadas de almirante de aguas-turvas, pelas tiradas theatraes e ridiculos dos seus carteis de desafio aos *barbaros leutões*, que receioso da sua cólera e da sua partazana virgem, continua a dar-lhe carta branca; e não menos apavorados que o governo se encontram os capitães dos navios ancorados no Tejo, até mesmo os meslres dos palhabotes e os arraes das fragatas, sempre que tenham que atravessar o rio. O esporão do Vasco da Gama e o terror do porto de Lisboa. Se lhe dá para as suas investidas, é navio no fundo pela certa. *Uma nuvem que os ares escurece, sobre as suas cabeças apparece...* O couraçado restaurante avança aos brados e o seu esporão, ou o de 14 de maio, abre de meio a meio o casco do inoffensivo barco, amarrado á sua boia!

Um nosso amigo, elucida a este respeito que são manobras de guerra que o almirante Leotte vem fazendo de ha muito, afim de se adestrar para destruir a esquadra alemã...

Muito bem, mas das algibeiras do povo é que sae o dinheiro para as indemnisações que hemos de pagar pela sua monomania bellica, germanophoba!

Ha dias foi aquelle infeliz navio norueguez, o escolhido para alvo do *esporão*; nem a alma se lhe aproveitou, e lá jaz na Cova da Piedade. Aqui ha tempos foram os navios alemães *Lahnocke, Energic, Mogador* e o hespanhol *Avarado*.

Isto pode lá continuar assim!

Então declare o governo que o porto de Lisboa está em estado de sitio, e feche-se a barra ao commercio e á navegação.

O ex-franquista Leotte do Rego, grande Almirante Democratico, pediu a sua demissão de commandante da divisão naval e até mesmo de official da armada. A primeira foi-lhe *concedida* pelo então ministro da Marinha José de Castro, sem que lhe fosse dada *execução*. Sublime farça! O sr. Leotte não insistiu, deixou-se ficar commodamente no navio-restaurante, no *barbaro e assassino barco que torpedeia navios indefezos*, sem que o actual ministro envie o requerimento á maioria com o seu *exequator*. O que a principio era *terror* no seio do ministerio affonsoino, passa a ser conveniencia... Se elle é o archote em braza da fantochada aliadomana!

E quem é que havia de ir á frente da divisão naval saudar ao Porto s. ex.?! E quem é que havia de ir a Coimbra, perante os amigos da Servia, manter o fogo sagra-

do da fantochada da participação na guerra?

Pois haveria ali algum official superior de marinha, que se prestasse a insultar e desafiar publicamente Guilherme II, chefe de Estado do primeiro imperio do mundo?! Nenhum, decerto.

Que importa ao governo a incompetencia e a illegalidade da situação do sr. Leotte, commandante da esquadra? Quer lá saber de taes coisas, o governo... Elle precisa de um automato, de um manequim, — coisa difficil de encontrar em corporação tão briosa — e alli o tem... e mantem.

Sobre a incompetencia do *barbaro afundador de inoffensivos barcos*, no Tejo, disse na camara dos deputados o sr. Eduardo de Sousa:

«Tem o orador grandes apreensões sobre a intervenção preponderante do sr. Leotte na politica. Queria ter só estas. Mas os factos levam-no a duvidar da propria competencia tecnica do commandante que tantos estragos tem feito e continua a fazer no Tejo. Mas ainda ha um facto que robustece este criterio.

Ouvii sempre dizer que o primeiro cuidado de uma esquadra é evitar o choque com submarinos.

Ha, decerto para os combater navios especiaes que não ha na nossa esquadra — os *caça-torpedeiros*. Pois no anno findo fez-se constar que fóra da barra andavam submarinos alemães. Deve a camara recordar-se da commoção causada por essa noticia e ainda da emoção maior no espirito crédulo e ingenuo do povo, quando o *Seculo* e a *Capital*, os jornaes mais affectos ao sr. Leotte do Rego, noticiaram entre fremitos de entusiasmo de uns e os terrores visiveis de outros, que o sr. Leotte se fizera ao mar com os navios para ir ao encontro dos taes submarinos fantasmas! Deve o orador dizer que passou então da audacia do sr. Leotte e confessa que resolvendo toda a sua parca erudição historica, litteraria e artistica, na arte e na *Gran-Duquesa* um capitão comparavel com o sr. Leotte n'aquelle furibundo general que, de espada nã se agita freneticamente no palco, desafiando um inimigo que nunca apparece.

Estes são, entre outros, os factos que o levam a duvidar da competencia tecnica do sr. Leotte, como commandante de navio e como chefe de esquadra, e que talvez expliquem os desastres frequentes causados ali no Tejo pelo *esporão do 14 de maio*».

Ora depois de tão completa exaltação em pleno parlamento, — onde s. ex. não apparece a dar conta dos seus actos —; depois de comprovada a sua incompetencia que o faz ser o terror dos buques e palhabotes nas mansas aguas do Tejo e da publicação de documentos em que trata desprezadoramente os seus camaradas e os seus superiores hierarchicos; depois de prejudicar sensivelmente os interesses do Estado e de se revelar o foco do desleixo e da indisciplina — ainda continua no commando do *resto da esquadra*, cavalgando o *esporão do 14 de maio*!

## MARTINS GRILLO

Medico-Especialista

Doenças e hygiene da PELLE

Syphilis, vias urinaes e clinica geral

TRATAMENTO ESPECIAL DAS FURQAÇÕES

Consultas diarias das 2 ás 6 da tarde

Rua do Ouro, 292, 2.º, D.º — Telephone 3835

Residencia: Avenida Praia da Victoria, 42, 1.º/G.

## Echos & Commentarios

### Real, sim senhor!

De vez em quando o pasquim de S. Roque vem todo indignado porque a Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal não apagou, como muito boa gente o *Real* dos seus rotulos, montras, etc. Pois se a sociedade commercial se fundou com aquelle titulo, e o lavrou nas escripturas, não pode nem deve tirar qualquer palavra o que faria crer aos seus clientes, mais do estrangeiro do que de cá que se tratava de outra companhia, — o que naturalmente lhe acarretaria prejuizo.

As coisas são o que são. Real sim, senhores do lanterim armilar!

A proposito: havia ahí para a rua da Palma uma «Casa Allemã». Pois ha dias, para dar prazer aos aliado-maniacos, mandou pôr antes do titulo a particula *ex*.

Agora já não é o mesmo estabelecimento commercial: é a *Ex-Casa Allemã*!

Rilhafoles, Rilhafoles todos, é o que está pedindo...

E Penitenciaría para alguns.

### Casa Burnay

Sahiu de socio da Casa Burnay o sr. Eduardo John, subdito allemão. Na escriptura de dissolução fez exarar o seguinte considerando:

«Que, porem, o socio sr. Eduardo John não deseja continuar associado, porque, sendo subdito allemão, julga conveniente aos interesses dos seus socios, e aos seus proprios interesses, desligar-se por completo da sociedade, para assim esta poder livremente exercer o seu giro commercial, sem receio de complicações, que, por ventura possam resultar da sua nacionalidade, e, por outro lado, para elle mesmo sr. Eduardo John não ter nenhuma responsabilidade, nem sequer de ordem moral, em quaisquer actos que, porventura sejam praticados pela firma social ou por estabelecimentos em que seja interessada, actos que não poderia evitar, se continuasse na sociedade em que está intera adido em percentagem relativamente pequena mas que lhe poderiam ser desagradaveis.»

Isto traduzido quer dizer: a firma Henry Burnay & C.ª é, pôde dizer-se, a unica proprietaria da Empresa Industrial Portuqueza, casa que se dedica á construcção de todos os artefactos de ferro. Essa casa está trabalhando ha já tempo em munições de guerra, destinadas ao nosso exercito (?) e por consequencia ao exercito aliado... O sr. John era quem ali dava ordens, quem punha e dispunha sendo até por mais d'uma vez inconveniente na linguagem com a direcção d'esse estabelecimento, porque o sr. John, diga-se o que disser em sua honra, é malcreado.

O director gerente d'esse estabelecimento esteve agora, ou está ainda em França e Inglaterra tratando segundo consta, de fornecimento de munições, de forma que o sr. John corria o risco do seu paiz o tomar a conta de traidor, e como tal...

Resolveu retirar-se em definitivo ou em apparencia, não sabemos, no que foi simplesmente previdente.

Substituiu-o o sr. Balthazar Cabral, um portuguez de reconhecida competencia, troca com que a casa, estamos convencidos, só lucrou. O sr. Balthazar Cabral não é um rabula, é um homem que nos dizem da maxima lealdade, saber, escrupulos e educação.

E' um portuguez a tomar co-participação na vida d'uma importante sociedade portugueza. Por demais tem ingerencia nos negocios do nosso paiz os estrangeiros; cada um que nos deixe — é caso para lançar foguetes!

# Lá por fóra

## ECHOS DA GUERRA—DIVERSOS

### O que ha de guerra?

Pelos jornaes estrangeiros que n'este momento temos em nosso poder, e que só alcançam até 11 do corrente, vê-se que a guerra está, pôde dizer-se, parada.

Tiroleio entre trincheiras, escaramuças, duélos de artilharia e coisas parecidas, que são já o pão nosso de cada dia.

As grandes offensivas estão... em incubação!... Esperam a primavera para ao sol radioso se desenvolverem desfazendo o que esse bello astro faz...

Do que intentam fazer por essa epocha os exercitos beligerantes nada se sabe; só consta que o exercito portuguez lá para Maio terá reunidos em Tancos uns vinte mil homens, promptos a marchar não se sabe quando nem para onde, e que por certo a esta hora trazem já as chancellarias dos imperios centraes e os altos commandos dos seus exercitos preocupados...

«Por onde nos apparecerão os portuguezes? «Pelo Cairo? Malta? Nazareth? Egypto? Mundo infinito que não tem fim?...»

E logo que appareçam é a paz feita com a retumbante victoria dos alliados. Se o Leelle, o grande Leolle lá vae, então arraza tudo!...

*Fujam allemães!*

### Os allemães em Paris

Um portuguez illustre que se encontrava em França quando da grande offensiva allemã, quasi no começo da guerra, diz-nos que os allemães chegaram até dentro das portas de Paris. Foi na porta Maillot que appareceu o primeiro destacamento da cavallaria allemã e que com a vida ali pagou a sua chegada!...

Erros, gravissimos erros do Kronprinz, fizeram com que o exercito allemão não tornasse de facto a capital da França.

Castelnau e Gallieni foram n'esse momento d'uma habilidade, d'uma energia e d'uma coragem verdadeiramente épica, levando o inimigo de victoria por ali fóra até as suas linhas de defeza!

Castelnau (e se não estamos em erro Gallieni) é monarchico da velha guarda, como monarchicos são os principaes chefes do exercito de operações; mas... são francezes primeiro que tudo,—honra lhes seja!

### Um trecho interessante

Da correspondencia de Antonio Azeiteira, para o A. B. C. de Madrid, datada do quartel general em Gallipoli, extractamos o seguinte trecho muito interessante: Trata-se da apresentação de Azeiteira á sua chegada a Gallipoli no quartel general:

«...Kiazim Pachá é um homem dos seus 35 annos, olhos negros muito brilhantes, calvo, amuladado, e fraco. Parece que vae sofrer de paralyisia nas palpebras, pois tem sempre os olhos semi-cerrados e quando os abre, dir-se-ha que faz um grande esforço. A sua casa de trabalho, modestamente mobilada, parece a cela d'um frade. As paredes são brancas, as cadeiras, a mesa, a cama são de madeira de pinho, sem pintura.

—O senhor é hespanhol? perguntou.

—Sim, meu general.

—De Hespanha?

Não nos surpreendeu essa pergunta porque na Turquia chamam aos judeus hespanhoes.

—O senhor quer visitar os grupos vasilos do Norte e os habitados do Sul?

—Sim, meu general, e ficar-lhe-hei muito grato dando-me licença.

—O senhor telegrapha ao seu jornal?

—Não, senhor; não ha telegrapho para Hespanha; os francezes e inglezes não consentem.

—E de Berlim tambem não?

—Não, meu general...

—Como? De Berlim pôde telegraphar-se via Suissa-Portugal.

—Portugal?! interrompi.

—Sim; entre a Suissa e Hespanha está Portugal. Não?

Não quiz insistir no erro geographico que cometta o chefe de Estado Maior do exercito turco, e com a sua affirmação de que em Gallipoli teria grandes facilidades me retirei!...

E' isto! Ha em geral um conhecimento tão exacto da situação geographica de Portugal, que chega a fazer tremor sobre o congresso da paz...

Calculem que elle se realisa em Paris e que ainda ali temos como representante o sr. João Chagas... que é, como toda a gente sabe, de cor... Com certeza nos inglobam com Marrocos na distribuição final!...

Bolas!

### Os ultimos raids

—No ultimo raid de zeppelins a Inglaterra foram 300 as bombas que caíram em territorio britannico, fazendo 59 mortes e 101 feridos.

Destruíram 15 casas, quasi uma igreja e uma capella.

Sobre Salonica voou tambem um zeppelin fazendo victimas e largos destroços. Os armazens geraes do molhe de Salonica, pertencentes ao banco da mesma cidade incendiaram-se rapidamente ardendo sinistramente graças ao muito azeite, petroleo, benzina, oleos de lubrificação, assucar, etc, etc, ali armazenados em grande quantidade. O panico foi terrivel.

Outra bomba caiu proximo do konak municipal, matando sete pessoas.

Caíram outras no quartel general, dentro mesmo da Camara municipal, etc., etc.

O panico foi terrivel os destroços muitos e apezar do fogo das baterias da esquadra o zeppelin conservou-se no seu posto matando e destruindo.

Subiram vinte e um aviões alliados para lhe dar caça, mas elle chegou ao seu ponto de partida sem sofrer damno.

O ataque foi inesperado, de noite, quando tudo dormia.

—Em Paris um raid a que já nos referimos, fez tambem muitos destroços e muitas mortes.

Foram encontradas tres bombas que não explodiram sendo duas de modellos já conhecidos e uma de modello novo.

A carga era de trissitrotoenuo, producto de que a explosão é terrivel.

—Sobre a Belgica teem voado, ha uma semana, muitos zeppelins, dizem ser experiencias de novos modellos.

Um horror!

### A verdade

A verdade sobre a guerra é esta, doa a quem doer: até hoje só os imperios centraes teem affirmado a sua supremacia militar, e qualquer dos elementos que se lhe tem juntado é bom.

Logo ao estalar da guerra se soube que Austria e Allemanha não contavam com a Italia, nem lhe ligavam importancia militar de maior. Os factos confirmaram as suas previsões: a Italia permaneceu no mesmo sitio que occupava a pouco mais d'um mez de entrar na lucta. Os terrenos conquistados teem a importancia capital que já anteriormente indicamos, o seu prejuizo territorial é só colonial e pequeno. Ha quanto tempo se lucta nos Camarões sem uma victoria decisiva...

### Emprestimo italiano

Estavam subscriptos até 31 de Janeiro 2.410.000.000 liras para o empréstimo de 5 0/0.

### A Inglaterra economica

A commissão de economias do parlamento inglez, propoz a redução dos vencimentos dos membros do parlamento, e a redução nos gastos com a instrução.

Propoz tambem a redução de 60 por cento no consumo da cellulose na fabricação de papel.

Estamos perto de não ter papel nacional... nem estrangeiro...

### A fabrica Skoda

Segundo telegrammas, não de origem official, a fabrica austriaca de material de guerra Skoda, foi, na sua parte principal destruida por meio de melinite.

Era a mais importante fabrica de canhões austriaca.

### Arte portuguesa

Em Paris temos é certo o nosso Xavier, que é um grande, sendo aliás *mignon*, elemento de propaganda. Elle monta escolas, elle faz conferencias, elle falla com o sr. A e mais das restantes 24 letras do alphabeto com todos os grandes da França; porem em França não perguntam se Portugal fica entre a Suissa e a Hespanha, mas dizem logo que é *uma provincia hespanhola*...

Pois no principado de Monaco, n'aquelle minusculo principado, ha n'um museu oceanographico grande numero de exemplares marinhos colhidos e classificados por El-Rei D. Carlos I de Portugal, e como tal expostos.

Mais; ha uma secção de fauna marilima em louça artistica das Caldas da Rainha com a assignatura do illustre portuguez que se chamou Bordallo Pinheiro, e com essa indicação clara...

No entanto em Portugal tudo vem da França—desde a asneira até á sciencia!

Até dá gosto ir a Monte-Carlo perder... a fortuna! (Quem nos dera tel-a!)

### O que ahi vae!

O correspondente em Lisboa para um jornal de Madrid, diz em telegramma:

«Reuniu o Conselho Supremo de Defeza Nacional, debaixo da presidencia do chefe do governo, estando presentes os ministros da guerra e da marinha, o major general da armada, o quartel mestre general do exercito, o governador do campo intrincherado, o chefe de Estado Maior da Armada, o commandante da divisão naval, os directores das fabricas de ma-

terial de guerra, o sub-chefe de Estado Maior do Exército, e o Contra-almirante director do serviço de mobilização da Armada.

Pois senhor: se lhe juntam os commandantes da guarda fiscal e republicana e os generaes das divisões... estava mobilizado de facto o exercito nacional!

## Ephemerides da guerra

### 1915 — Fevereiro

**1.** — Os russos recuam ao largo da região do Nida. — Os allemães reconquistam varias povoações ao sul de Mlawa.

**2.** — Os austriacos triumpham no desfileiro de Sanhkov. — Um «taube» vba sobre Belfort.

**3.** — Bombardeio de Armentières pelos allemães. — Escaramuças entre turcos e ingleses na região de Suez.

**4.** — O Almirantado allemão annuncia o bloqueio da costa ingleza. — Cerca do canal de Suez estão em contacto as avançadas turcas com as inglesas.

**5.** — Trava-se uma grande batalha em Borguioff. — Os russos evacua o valle da Moldavia.

**6.** — Derrotas dos russos no Bzura. — O Kaiser está no theatro da guerra da Polonia. — Progressos dos austriacos nos Carpathos.

**7.** — Juntam-se com o Papa, para pedir pela paz os embaixadores das nações belligerantes. — Fica so-luccionado o incidente de Hodeidah, entre turcos e italianos. — A Inglaterra impõe novos tributos ás colonias.

**8.** — Encarniçados combates nos Carpathos. — Novo retrocesso dos francezes na Argonne.

**9.** — Os austriacos ganham Terreno cerca de Tarnow. — Abandono de Kimpolug pelas tropas russas. — Confirma-se a perda do cruzador japonéz *Asama*.

**10.** — Os Soberanos scandinavos decidem-se a continuar as negociações de Malmoc. — Retirada desordenada dos russos na Bukovina.

**11.** — Cruzadores e torpedeiros russos afundam no mar Negro um vapor norte-americano. — Os russos destroem varias povoações na Polonia.

**12.** — Os aviadores ingleses bombardeiam as costas da Belgica, causando grandes danos a varias povoações. Occupação de Sierfe pelos allemães. — Novos exitos dos austriacos na Bukovina. — A praça de Verdun é bombardeada pelos aviadores allemães.

**13.** — Os allemães atravessam o Skrwa. — O cruzador francez Duplex, detem o vapor correo hespanhol *Jaime I*.

**14.** — Os austro-allemães entram na cidade de Delatyn. — Fica limpo o Territorio prussiano de tropas russas. — Os turcos, depois de vencer os ingleses, avancam até Karnia.

## O livro Pimenta de Castro

No nosso numero passado transcrevemos tudo quanto de interessante tem o livro do sr. general Pimenta de Castro.

Por ahí se vê claramente que a republica não possui homens de envergadura para arcar com as responsabilidades do governo.

Os nossos leitores estão por certo lembrados das circunstancias especiaes em que o sr. presidente da republica entendeu necessario chamar o general Pimenta de Castro a gerir *não uma*, mas todas as pastas de que se compõe a governação portugueza.

Estava em perigo a republica, era indispensavel que o general concentrisse em sacrificar-se para salvar a nação do barranco em que ameaçava subverter-se.

Pois o general, pessoa unica que capaz de salvar o paiz desse formidavel barranco, deu n'esse livro as suas provas como homem de letras, como já as havia dado como general em 14 de Maio, e anteriormente como homem de acção governativa...

Uma miseria!

Simple e unicamente uma miseria!

O general foi-se dos Açores para... nem bem sabe para onde.

E porque foi? E presumivel que o fizesse antes da apparição do seu livro com médo das consequencias d'essa publicação...

Ha que confessar que a coragem não é

tambem d'aquellas que chame sobre si a attenção das massas...

Deforma que no homem que o sr. presidente da Republica entendeu que seria o unico capaz de salvar a patria e a republica do transe agudo que estava passando e que afinal era mais uma das muitas carapatas do partido dos escandalos tambem denominado *democratico*, nada ha que se aproveitar — nem coragem, nem linha de estadista, nem valor militar, nem sabr...  
Uma pobresa!

E houve muito quem dissesse que o ge-tinha entendimentos com os monarchicos e estes se sentiam contentes com a acquisição...

Para quê? Nullidades ha cá muitas.

## O sr. Leotte

Permittiu-se o sr. Leotte n'uma entrevista com um redactor do jornal commercial *O Seculo*, dizer coisas sobre a Liga Naval Portugueza.

Não tem o sr. Leotte outra autoridade para fallar sobre a Liga Naval mais do que a que lhe vem de ser official da armada, porquanto o sr. Leotte não tem sido até hoje um elemento constructivo na sociedade portugueza — antes pelo contrario — e não são de molde a eleva-lo a categoria precisa para isso os seus feitos de commandante da mimscula divisão naval portugueza, de que o mais moderno e mais re-lumbante feito foi metter no fundo, por abaloamento, um navio norueguez que pacificamente navegava...

A Liga Naval é um elemento social constructivo e como tal acima das discussões do sr. Leotte. A Liga Naval tem o dever de fazer interessar todos os portuguezes na vida activa da nação e para que o futuro de Portugal esteja realmente no mar, como diz a sua divisa, preciso é que se appare-lhe em terra quem para elle viver que ir...

E' para isso que servem as conferencias que o H de maio interrompeu e agora recommecam, e até parecendo ao sr. Leotte que não, os *tea-bridge-concert*, porque chamando sobre si as attensões do publico, estabelecem corrente...

Alem de tudo a Liga tem a sua guarda o muzeu oceanographico D. Carlos I, que não é, como o sr. Leotte julga uma inutilidade. A Liga tem grandes despesas e não tem outra receita além das quotas dos seus socios que não chegam para lhe fazer face.

Mas o que dóe ao sr. Leotte é não se fazer alli a sua apologia como marinheiro, como revolucionario e como caracter, e n'esse ponto estamos d'accordo — o sr. Leotte merecia ser conlicido mais de perto pelos seus compatriotas...

Sempre é um homem que já teve a honra de mandar bombardear a capital, sem temor pela vida dos seus habitantes que nada tinham que ver com as tolices... d'uns poliflicos e com as farsas dos outros...

Mas o sr. Leotte falla da Liga Naval que é uma sociedade particular, que pôde a seu gosto fazer o que quizer dentro da sua lei constituinte e das leis do regime, sem ter que dar satisfações senão aos socios e não repara, não quer ver, que elle modificou um navio de guerra, que é propriedade da nação, em restaurante para amigos e que ainda esses banquetes os dá á nossa custa e contra a nossa vontade...

Não vê, não quer ver, que para fallar como fallou necessitava ter autoridade moral e que a não tem quem transformou os vasos de guerra em centros de propagação politica, onde em conferencias se tem dito centenares de tolices pulmares...

O sr. Leotte pôde continuar a ser o *almico*, estabelecem corrente... Alem de tudo, *rante da esquadra*, embora, como demonstrou o seu correligionario de ideia Eduardo de Sousa, houvera sido exonerado pelo governo José de Castro, mas deve fechar a valvula das tolices e convencer-se de que *só a formiga*, poderá — e não é certo! — ligar aos seus chistes a importância que os seus galões exigiam.



Que tios! Diria qualquer hespanhol que lê-se o *summario das camaras portuguezas de ha dias e soubesse o despejo do caso...*

Um deputado perguntou se do abaloamento do Vasco da Gama com um navio norueguez, quando os dois entravam o Tejo, o primeiro vindo da funçanata do Porto e o segundo de atravessar os mares com mi-cantellas por causa das minas, dos submarinos e das esquadras, havia resultado estrago de maior para um ou para outro; respondendo o respectivo ministro que o Vasco da Gama nada sofreu, sofrendo o outro avarias sem importancia de maior.

Pois o outro robocado para a Cova da Piedade... foi-se ao fundo!

Calculem que a avaria era coisa de maior... e lá se ia a Noruega!

Que tios!

O nosso exercito está que é um primor de disciplina... Aquella relapsa monarchia dos adeantamentos e mais palavras da lavoura do syndicante-mór sr. doctor João de Menezes, sabia lá nada d'isto, tinha lá competência, valor, ordem e trabalho...

E' vér:

Diz o Beirão de Castello Branco:

Informam-nos de que ante-hontem (3 do corrente) no quartel do 2.º batalhão de infantaria n.º 21 e grupo n.º 7 de metralhadoras, nesta cidade houve um principio de insubordinação.

Foi o caso que um sargento estava preso por ter deixado de fazer a continencia a um tenente, com quem tivera pou o antes uma desavença.

Os soldados do infantaria 21 e das metralhadoras, juntando-se na para-lá, partiram depois em tropel para o quarto onde estava preso o sargento para o soltarem.

Parece que se despuham já a arrombar a porta, quando interveio o sr. capitão Caldas e Quadros, official brioso e disciplinador como os que mais o sabem ser, que se oppoz aos soldados e os obrigou a dispersar.

E assim se evitou que a insubordinação proseguisse.

E mais isto que nós soubemos:

Os soldados das metralhadoras chegaram a ter as alças mettidas para desfazer a cavallaria.

E ainda isto:

A bordo do Adamastor do commando do revolucionario militar das duas republicas, sr. Freitas Ribeiro, houve em Loanda uma amotinação de marinheiros. Queriam estes o augmento de soldo regulamentar, a chegada á estação de destino — Moçambique — e que o commandante não queria dar — e muito bem — por não estar ainda no destino; mas os marujos não deixavam seguir o barco sem esse augmento.

Telegrammas para Lisboa, reunidos de ministros e... ordem para pagar.

Pois está claro! O' Camacho! manda lá imprimir mais papel!

Se o papel em circulação é mais do dobro das reservas metallicas que importa que suba ao quadruplo quintuplo... trinta vezes mais?

O Camacho faz papel! E reine a paz em Varsovia!

Maldita seja a falta de espaço! Por ella e só por ella não atiramos para aqui interininho aquelle pyramidal discurso do sr. ex-conselheiro Abel de Pinho, proferido no domingo no Supremo Tribunal de Justiça na recepção presidencial.

Que feça! Que oratoria!

Parecia o sr. Alexandre Braga, mal comparando, quando estava com a carraspana a imitar o famigerado Rosalino Candido de Sampaio e Brito, nos tempos aureos da sua mocidade!

Olhem p'ra n'est'amostra:

Ex.<sup>tas</sup> Sr. Presidente da Republica Portuguesa.— Em nome da magistratura judicial, aqui reunida, como em festiva romaria, para receber a delicadissima penhorante da visita, para nós gratissima, com que v. ex.<sup>ta</sup> a quiz honrar, mas cujo representante bem merecia agora e sempre, uma outra vez e tantas ha, que soubessem interpretar e traçar a magistade augusta, o brilho, a suctoridade e o prestigio de que ella, em todas as circumstancias, precisa revestir-se para poder merecer a publica e plena consagração de todo um povo, que á sua guarda tem de confiar cegamente a defeza sagrada dos seus interesses, e a segurança inviolavel dos seus direitos, eu, tenho por força de arrancar á minha humidade algumas palavras, agrade, endo, profundamente reconhecido, essa visita, saúdo ao mesmo tempo, com o maior respeito, o primeiro magistrado da nação, como aquelle que hoje em si consubstancia toda a sua honra, a sua gloria, as suas tradições e os seus destinos.

Querem mais? Pois lá vae mais um bocadinho, mas só um bocadinho, a que golo-dice é indigesta:

O mundo inteiro debate-se n'uma conflagração tragica, quasi inconcebivel, em que se gastam e se consomem os ultimos recursos e todos os esforços e se joga e arrisca o futuro de todas as Patrias.

Pois bem! E' indispensavel salvar a honra, defender este terrão abençoado, cujo esforço, o dos seus homens, através do mar ululante e tormentoso, e lá, nessas regiões longuissimas e bem distantes, onde os grandes turbulões da morte, os pantanos absorventes, mataram, envenenando, tanta mocidade e tanta vida, já causou o espanto, a admiração, o assombro e a surpresa por toda a redondeza da terra.

E' indispensavel despertar a raça do somno lethargico em que se deixou invadir; sacudi-la, espancar as trevas que a cercam e que lhe roubam a clara visão das coisas e dos acontecimentos, e faz-l-a, enfim, refflor nos seus sentimentos proprios, mais caracteristicos e mais puros, repetindo, se tanto for preciso, esses exemplos de grandezza epica, de heroismo, de abnegação e de coragem, que já tanto a honraram e distinguiram.

O que precisava espancado não eram as trevas, porque eram pancadas que se perdiam... este juiz, sem juizo, é que precisava acariciado a cavallo marinho... ou metido no Conde Ferreira!

Mac.

## Dos nossos correspondentes

Porto, 12 de Fevereiro de 1916. — Antes de iniciar a minha humilde collaboração, n'estas columnas, permittam-me os leitores render a minha mais respeitosa homenagem á Monarchia e ao seu legado; desejando-lhes, tambem, uma longa vida; defezando dos nossos sagrados ideaes, penso que assim e depois d'uma adequada organisação, possa, ainda raiar n'este desgraçado Paiz a Luz benefica da Monarchia.

As picarétas democraticas já estão a demolir o antigo edificio dos Paços do Concelho, cuja demolição foi iniciada com a presença de sua ex.<sup>ta</sup> o Presidente.

O cortejo foi a coisa mais horrivel no genero.

Estava eu junto ao Restaurant Internacional e ouvi da bocca de dois inglezes a seguinte phrase: «E' uma fantochada» cõrei de vergonha de ver a minha Patria tão desprezada pelos estrangeiros... e retirei-me pezaroso.

— A semana passada teve logar no salão nobre do Atheneu Commercial do Porto, uma conferencia realisada pelo Dr. Alfredo de Magalhães, sobre o titulo «Portugal e a Guerra».

Foi muito applaudido pela numerosa assistencia, embora entre ella se encontrassem alguns democraticos que se riam sarcasticamente e com desprezo, por o orador dizer as... verdades.

Na proxima carta tratarei mais largamente o assumpto da conferencia.

A. P.

**Valhom, 9.** — Em primeiro logar as minhas saudações ao interetero campeão da Causa Nacional — a Causa M monarchica — que tão brilhantemente se apresenta empunhando com galhardia o estandarte da Patria — linda e immaculada bandeira azul e branca — a cuja sombra lutaram, venceram e morreram grande numero de irmãos nossos regando com o sangue generoso e nobre os campos de batalha. Bemvinda seja pois, a Monarchia que pela Monarchia vem lutar.

— Hoje ás primeiras horas da manhã começou circulando a noticia de que o povo d'esta freguezia e circunvizinhas se amunirava juntando-se em grupo numeroso impedindo os operarios que trabalhavam no Porto a irem para os seus trabalhos, percorrendo mais tarde os diferentes lugares incitando os que traba haviam a abandonar o trabalho e a seguirem-nos.

Qual o fim d'este procedimento? Ver se conseguiam suavisar um pouco a sua amargurada existencia.

Realmente a vida tornou-se um fardo pesado e insuportavel! Quantos chefes de familia vendo os tenros e debeis filhinhos chorando com fome e elles, os desgraçados sem terem uma negra cozia com que lhes enganar o estomago, quantos vezes não desejariam a morte? quantas vezes!

Ah! a fome!... arrepiam-se-me os cabelos ao proferir este palavra.

E o que fez o governo?

Cruza os braços com a maior indiferença perante este tremendo spectaculo.

Ah! como o povo «o povo soberano» como tantas vezes, para o illudir, lhe chamaram nos comicios os caudilhos republicanos, como elle, o eterno ludibriado, deve estar desiludido com taes figurões.

Como elle deve ter sentido bem em cheio a enorme differença entre os Marats de papelão e os dignos estadistas monarchicos que em transes iguaes se collocavam immediatamente em campo e coneguitam melhorar a situação dos pequenos sem grande danno para os grandes.

«Isto agora é outra coisa» dizia o sr. Cabrito Macho, e realmente é outra coisa.

De quem é a culpa? do governo que imprevidentemente consentia a exportação d'aquillo que nós precisavamos importar!

Hoje o povo geme com fome porque deixando-se seduzir com falsas promessas tem consentido nisso que para ahí está e que gritando-lhe «tu és soberano», o deixa no mais completo abandono!

Mais foguetes, mais musica, mais vivas, mais jantares e mais festança; e o povo que encha a barriga com a «soberania»!

Povo Portugal! quando abrirás os olhos e n'um esforço herculeo sacudirás o jugo opressor que trazes ao peçoço?

Preferes, porventura, esta vida de miseria que tens arrastado? Se assim é não tens de quem te queixar.

— Passou no dia 1 d'este mez a tristissima data em que as hienas de fauces escancaradas e sedentas de sangue enlutaram para sempre esta querida e inditosa Patria.

Mais um anniversario em que um Rei patriota e intelligente e um Principe esperançoso e bello cahiram varados á traição n'uma embuscada de facinoras. Desde então pesados crepes cobriram o horizonte d'esta Patria querida. As nações estrangeiras encaram-nos hoje com o mais significativo desdem.

E' preciso, pois, evocando o sangue nobre e generoso d'esses dois Martyres rehabilitarmos-nos perante as nações civilizadas mostrando-lhes que temos ainda em nós a força necessaria para nos salvarmos do contrario somos um povo perdido.

G.



## Liga Naval Portugueza

Foi brilhantissimo o sarau realisado pela Liga Naval Portugueza na noite de sabbado, 12 do corrente.

O cravo do sr. Hernani Braga é um instrumento precioso e, quanto a nós, d'uma flexibilidade, timbre e clareza de sons maior que a do piano de murtellos.

Todos os instrumentos, ainda que máis — isto parece um paradoxo! — são bons, quando quem os manje e um artista; é possível ate que o cravo nas mãos de outra pessoa não proporcionasse momentos de tanto prazer como os que passaram os muitos e attentos ouvintes; mas sendo o instrumento e o executante como que o complemento, expellido, um do outro, far-se-ha um melhor juizo do que seja o cravo, e do que fosse a excepção.

Principiou a festa, como annunciando estava, por uma palestra do sr. dr. Alfredo Pimenta. Como toda a gente sabe, s. ex.<sup>ta</sup> é um bello encheador da palavra, um artista que d'ella sabe tirar todos os esforços. Os fortes, as meias finhas, as paisagens verdejantes e os fundos longinquos, saem da sua pena com a clareza com que na tela os lança o pincel d'um pintor de genio; mas... E está aquella palavra nefasta que devia ser banida da grammatica, que devia ser encarcerada na cadeia do esquecimento, que é como que um borrão lançado n'um quadro de Goya.

Guariam os zollos o seu sorriso... o meu não importa incorrecção nem do, nem para o primoroso *discurs* — nada d'isso! simplesmente quier dizer que a palestra, como o discurso, como a recitação perdem muito do seu valor quando os não acompañha uma gesticulação harmonica, e quem lê... impossibilitou um braço e deu ao outro um serviço, quando pouco, incompleto e pallido.

Isto só, tudo o mais — um encanto!

D. Branca com a sua figura magestatica e gentil, harmoniosa e forte e já de si um bello complemento de attenção, carinho e boa disposição do auditorio; mas juntando-lhe a expellido dicção e contectura artistica dos seus versos — arrebatá! Assim succedeu, assim succederá sempre!

D. Bertha Guimarães, canta admiravelmente. Tem uma voz rhythmica, encanada, amorosa, que attrae e extasia. Teve a gentileza de bisar, a pedido, mais d'um trecho. Pena é permitta-se-nos dizelo, que se apresente com uma certa tristeza, com *um não sei quê*, que lhe dá um tom de sofrimento, que nos dizem não ler...

Não quero — Deus me livre! — crear inimidades entre tão distintos amadores de musica, nem é meu intuito melindrar ninguém, e por isso a mal se não leve as observações que fizermos, illhas sem duvida da nossa rusticidade, da nossa falta de convivencia.

O sr. Pedro de Freitas Branco, canta muito bem, toca admiravelmente, vê-se, sente-se que ama e entende o seu violino. E' uma figura gentil e perfeita, será até talvez resquidado pelo bello sexo, mas para completar o conjunto, deveria, quer-nos parecer, ser mais sobrio de movimentos e dar, como direi?, uma apparencia mais modesta á sua pessoa, quando se apresenta.

Todos os outros interpretes do programma agradaram immenso e d'isso foi seguro peñhor as fartas palmas que ouviram.

E que mais?

Mais isto: uma noite cheia de encantos, uma festa digna da Liga promulhora e que deveria repetir-se, pois sem duvida voltaria a ter basta concorrencia.

A. M.

## Cumprimentos

Temos recebido muitas cartas de correligionarios e amigos enviando-nos cumprimentos pela iniciativa do jornal, que dizem, os satisfaz.

A todos pedimos que accettem por este meio os nossos agradecimentos mais vehementes.

## Partidas e chegadas

Regressou do estrangeiro o sr. Adolpho Burnay, conhecido industrial da nossa praça, republicano desiludido e homem de bem.

**Brevemente: A LOUCURA JACOBIÑA**

POR ASTRIGILDO CHAVES

**I — Um Bragança não foge!**

**II — O Massacre do Tenente Soares.**

Çiragem limitada, edição de luxo, illustrada. Tomo 200 réis.

Pedidos acompanhados da respectiva importancia, dirigidos a esta administração.

# A POLYCOMMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41-A a 41-E — LISBOA

Estas officinas estão aptas a executar os mais difficeis e os maiores trabalhos, pois possuie machinas como nenhuma outra.

Machina de compôr.

Machina de dobrar folha impressa.

Machinas de coser a arame e a linha, lombadas de livros.

Machinas para trichromia.

Machinas para dourar a quente e a frio.

É muitas das outras machinas de uso vulgar n'esta industria.

Papelaria, Livraria, edições proprias e alheias

**Tipographia, Encadernação e Estereotypia**

CARIMBOS DE BORRACHA

TELEPHONE 3362

Tem pes oal que vac a casa dos clientes